

REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

PRIMEIRO ANNO

— N. 5. —

MAIO DE 1875

A Loucura.

(Vide Revista de Abril, pag. 109)



Quando não soffriamos da *loucura* espirita, quando não estavamos possuidos por essa *monomania* que nos engrandeceu o horisonte da comprehensão Divina, quando não eramos *idiotas* e portanto suppunhamos que o nosso eu era mortal, mais de uma vez havíamos sustentado a marcha progressiva do espirito humano. Não sabíamos bem explicar como se operava o facto, mas o certo é que não admittiamos a marcha circular como querem muitos pensadores. Já então dizíamos a verdade, pois tal é a marcha do principio intelligente individualisado nos seres. A linha recta é o traço do mundo espiritual, assim como a curva é o traço do mundo material.

Como póde o materialista, como nós o fomos, sustentar a marcha progressiva do Espirito humano sem admittir a sua immortalidade, a sua individualidade, e como póde o espirituista dizer que elle descreve um circulo? Idéas incompletas em ambos, atrazo, pouco adiantamento moral.

Não admira-nos, pois, encontrar tanta confusão nas opiniões dos diversos physiologistas, bem como terem as diversas escolas confundindo o effeito com a causa e a causa com o effeito.

O fundador da phrenologia, o celebre anatomista Gall, attribuiu á ignorancia que havia na antiguidade, relativamente aos conhecimentos das leis physiologicas e anatomicas, terem Aristoteles, Galiano e os da mesma escola attribuido as operações da vida a um ser espirital independente da materia :—a alma;

por isso, não se admirava que esse agente, tivesse satisfeito aos philosophos que o modificava pondo-o de harmonia com a philosophia escolastica de cada dia. Assim, Borelli, Robinson, Cheyne, Mead, Potersfield, bem como Lavater enxergaram n'alma a causa efficiente da organização.

Swammerdam, Perrault, Stahl, Sauvages fizeram d'alma a guarda do corpo, e a ella attribuiram todos os incidentes da doença e da cura. Thomaz d'Aquino deu a alma um poder illimitado sobre o corpo. Lippert chegou a negar toda a influencia do organismo. Entretanto, se prevalecesse o que diz Gall sobre a ignorancia das leis anatomicas na antiguidade. Empédoclo. Leucipede, Democrito, Hippocrates e sua escola, os Stoiccs, Heraclido, Epicuro, Asclépiado, Archigeno, Lucreceo e Aréteo, não olhariam as funcções vitaes como resultado da organização do corpo.

Os proprios erros humanos são instructivos; a prova o temos mesmo nos disvarios da razão: — os loucos nos instruem.

Gall errou, mas disse-nos alguma cousa que aproveita a verdade. Todos os seus trabalhos tendem a demonstrar as duas theses seguintes: 1.^a, a intelligencia repousa exclusivamente no cerebro; 2.^a, cada faculdade tem no cerebro seu órgão proprio. Abalançando-nos a contrariar a primeira these não vamos de encontro á Gall somente, mas contra toda escola organista, a qual sempre e por toda parte aniquilou a alma, ou quando não, assemelhança a Descartes (*) amesquinhando-a, fazendo-a ter como séde um só ponto no corpo!

Flourens diz que essa primeira these sustentada por Gall não era nova, assim como, a segunda nada tem de verdadeira. Prova com o proprio Gall que, d'essa segunda these, haviam dito a mesma cousa Soemmering, Haller e Cabanis, e cita estes para não remontar á maior antiguidade. Flourens pertence á escola organista; portanto concorda com Gall, Cabanis, etc. que seja o cerebro a séde d'alma.

Esses physiologistas confundiram-se assombrosamente nas distincções que fizeram, porque não tinham idéa precisa do que fosse a alma. O cerebro é tanto séde d'alma, como todos os mais órgãos do corpo.

Não pensem que a semelhança de Lippert negamos a influencia do organismo; mas, tal como Thomaz d'Aquino damos ao espirito grande poder sobre o corpo.

(*) Descartes collocou a alma na glandola pineal; Willis, nos corpos cannelados; Lapeyronie, nos corpos callosos; etc, etc.

O cerebro é materia ; logo, não reside n'elle a intelligencia. Elle é apenas o orgão das manifestações da intelligencia, bem como de outras faculdades da alma. A alma não é intelligente por causa do cerebro, orgão que ella não tem ; porém um corpo humano animado por um Espirito intelligente, necessita de um cerebro bem organizado para as suas intelligentes manifestações á vida exterior de relação.

No seu systema phrenologico Gall desenvolveo a segunda these, tirando argumentos da observação dos factos, porém erroo por fazer depender dos orgãos as faculdades d'alma, quando é justamente o contrario ; isto é, tal orgão existe desenvolvido, porque o Espirito tem tal faculdade. Emquanto os physiologistas não conhecerem a participação do Espirito na confecção do corpo carnal, jamais poderão chegar a conclusões precisas. Estudem o Espirito e melhor comprehendirão a antropologia. O corpo é modelado pelo Espirito ; n'elle trabalha o principio intelligente individual desde os primeiros instantes da gestação.

Não pensem que essa proposição encontra objecção nas verdades que proclama a anatomia comparada servindo-se das seguintes palavras ditadas por Cuvier: « A proporção do cerebro com a medula allongada, proporção mais avantajada do cerebro no homem do que nos outros animaes, é grande indicadora da perfeição da intelligencia, porque é o melhor indicio da preeminencia que o orgão da reflexão conserva sobre o dos sentidos exteriores. » A intelligencia, nos animaes, parece tanto maior quanto mais volumosos são os hemispherios. »

Não estamos nas épocas do obscurantismo philosophico, por isso que a philosophia espirita methodisou as verdades esparsas nas sciencias e crenças dos povos. O homem tem uma alma ou Espirito ; o bruto tambem a tem.

Digamos em poucas palavras:—é a alma que *lembra*, que *julga*, que *imagina* etc., etc. Todas as faculdades são d'alma, os orgãos são os instrumentos das suas manifestações. Venos, pois, que não póde haver essa independencia que querem certos espirituistas entre a alma e o corpo, e o quanto é erronia a opinião dos materialistas que, confundindo a causa com o effeito, chegam a attribuir intelligencia á materia.

Completemos tanto quanto nos fôr possivel n'este artigo o estudo do Capitulo da obra de Esquirol sobre a allucinação do qual fallámos na REVISTA de Março.

Esquirol começa o capítulo de sua obra (*) tratando da allucinação nos seguintes termos: « Um homem que tem a convicção íntima de uma sensação actualmente percebida, quando objecto algum exterior, proprio a excitar essa sensação, não está na penetração de seus sentidos, acha-se em um estado de allucinação: é um visionario. »

Como aceitar estas palavras? Tomal-as como uma definição ou como uma explicação? Como quizerem; nós apenas as consignamos.

« Sauvage, diz Esquirol, deu o nome de allucinação aos erros de um homem que, tendo uma lesão de sentidos, não percebe mais as sensações como as percebia antes d'essa lesão. »

« Sagar chama allucinação as falsas percepções que formam a primeira ordem das vesanias de sua Nosologia. Lineu as faz entrar na ordem das doenças da imaginação. Cullen as colloca entre as enfermidades locaes. »

Darwin, e depois d'elle os medicos inglezes, deram o nome de allucinação ao delirio parcial que só affecta um sentido, e não obstante o empregam indifferentemente como synonymo de delirio. »

« O symptoma do delirio, diz Esquirol, tem sido confundido por todos os autores, com as lesões locaes dos sentidos, com a associação viciosa das idéas, finalmente com os effeitos da imaginação. Somente tem sido estudado no que diz respeito á vista, e por fórma alguma quando produz idéas pertencentes aos outros sentidos. Não obstante considerado em todas as suas variedades qualquer que sejam os sentidos a que pareça pertencer, esse symptoma é muito frequente; é um dos elementos da loucura e pôde-se encontrar em todas as variedades d'essa enfermidade. »

« Os livros asceticos de todos os povos, a historia da magia, da feitiçaria de todas as idades, os fastos da medicina mental, fornecem factos numerosos de allucinação; eu mesmo tenho recolhido e publicado grande numero. As observações seguintes, mostram as allucinações, tão isoladas quanto possivel, dos outros symptomas de loucura. »

« M.N. idade 51 annos, temperamento bilioso-sanguinio, tendo a cabeça grande, o pescoço curto e a face colorida, foi *prefeito*, em 1812, de uma grande cidade d'Allemanha, a qual se insurgio contra a vanguarda do exercito francez em retirada. A desordem resultante d'esse acontecimento, a responsabilidade

(*) DAS MOLESTIAS MENTAES.

que pesava sobre o prefeito, transtornaram a cabeça d'este; julgou-se accusado de alta traição, e, por conseguinte deshonrado. N'esse estado, cortou o pescoço com uma navalha; desde que recobrou os sentidos, ouviu vozes que o accusavam; curado do ferimento, ouve as mesmas vozes, persuade-se estar cercado de espiões, acredita-se denunciado pelos creados. Essas vozes repetem-lhe noite e dia que elle havia traído ao seu dever, que estava deshonrado, que nada havia de melhor á fazer além de suicidar-se: ellas serviam-se alternativamente de todas as linguas da Europa, familiares ao doente: uma unica voz era ouvida menos distinctamente, porque servia-se do idioma russo, que M. N. fallava com menos facilidade do que as outras. Por entre essas differentes vozes, o doente distinguia muito bem a de uma senhora que repetia tivesse paciencia e confiança. Muitas vezes M. N. se punha de lado para melhor escutar e melhor comprehender; questionava, respondia, provocava, desafiava, encolerisava-se, dirigindo-se ás pessoas a quem acreditava fallar: estava convicto que seus inimigos, auxiliados por meios diversos, podiam adivinhar seus mais intimos pensamentos e fazerem chegar até a si as censuras, as ameaças, os avisos sinistros que o acabrunhavam, em tudo mais elle raciocinava com perfeita justiça, todas as suas faculdades intellectuaes estavam em perfeita integridade. Seguia a conversação em qualquer assumpto com o mesmo espirito, o mesmo saber, a mesma facilidade como antes da sua enfermidade. »

M. N. no estio de 1812 voltou para seu paiz, foi habitar um Castelo, no qual recebia muita gente ; se a conversação o interessava, não ouvia as vozes ; se era languida, ouvi-as perfeitamente, e se deixava a sociedade, pondo-se de parte, melhor ouvia o que lhe diziam as pérfidas vozes ; tornava-se então inquieto e insociavel. No outono seguinte voltou á Paris, os mesmos symptomas o obsecam durante o caminho e exasperam-se depois da sua chegada. As vozes lhe repetiam : « Suicida-te, tu não podes sobreviver á tua deshonra..... Não não ! respondia o doente, não terminarei a minha existencia, senão quando me tiver justificado ; não legarei uma memoria deshonrada á minha filha. » Apresentou-se em casa do ministro da policia, (Real) o qual o acolheu com benevolencia, e procurou calmal-o ; porém apenas chegou á rua, as vozes de novo o obsedaram.

« Fui convidado para ir ter com o doente : encontrei-o passeando no corredor do hotel em que estava hospedado com sua filha unica etc. etc. » Esquirol relata os meios que empregou

para curar M. N. , e esses foram as medicações e a palestra habilmente dirigida para o convencer de ser o seu estado uma allucinação. Conseguiu finalmente cural-o.

« Esta observação, diz Esquirol, offerece o exemplo de uma allucinação do ouvido a mais simples das que observei. Unicamente, a allucinação caracterisava a affecção cerebral d'esse doente; suas inquietações, suas desconfianças, seus temores, eram apenas consequencia d'esse phenomeno, o qual persistio por mais de dois mezes, posto o convalescente tivesse recobrado inteiramente o livre exercicio do entendimento. O habito era a causa d'essa persistencia ! » Varios exemplos podiamos apresentar tirados da obra de Esquirol, mas para o fim que temos em vista, nada adiantariamos com isso. Basta transcrevermos o que de essencial nos diz, no capitulo que estudamos n'este momento.

« Ha allucinados, diz Esquirol, que sentem asperesas, alfinetadas, armas que os ferem e que os rasgam, ao passo que estão deitados em cama macia ; são transportados ao longe, julgam ter nas mãos corpos que não existem n'ellas. Alguns monomaniacos, alguns epilepticos no começo dos accessos, crêem que se lhes toca, que se lhes bate ; mostram o corpo, allegando estar dorido pelas pancadas recebidas. Um general acreditava ter um ladrão e sacudia violentamente os braços, como se tivesse alguem a quem quizesse assustar, »

« Em resumo, esses individuos acreditam ter presente pessoas e cousas que não têm existencia real, senão em si proprias ao menos para ellas ; os sentidos, as extremidades sentidoras não participam por fórma alguma n'esse delirio ; esses doentes nada têm á desemaranhar com o mundo exterior ; estão em um estado de allucinação : são allucinados. »

Esquirol termina esse capitulo nos seguintes termos : « As allucinações dependentes das impressões percebidas pelo gosto e o cheiro, são reproduzidas particularmente no começo das loucuras. Porém as que pertencem á vista e ao ouvido são mais frequentes em todos os periodos da molestia. As allucinações da vista, reproduzem objectos que interessão geralmente mais e que mais impressão fazem sobre a multidão, são chamadas *visões* ; esse nome convém apenas a um modo de allucinação. Quem ousaria dizer, as visões do gosto, as visões do cheiro ? e entretanto as imagens, as *idéas*, as *noções* que parecem pertencer a alteração functional d'esses tres sentidos, apresentam-se ao espirito com os mesmos caracteres, têm a mesma séde, isto é, o cerebro, são provocadas pelas mesmas causas, manifes-

tam-se nas mesmas molestias como as allucinações da vista, como as *visões*. Faltava um termo generico. Propuz a palavra *allucinação* como não tendo acceção determinada, e podendo convir conseguintemente á todas as variedades do delirio, as quaes suppõem a presença de um objecto proprio a excitar um dos sentidos, posto que esses objectos não estejam na alçada dos sentidos. »

« As allucinações é signal pouco favoravel para a cura, nas vesanias (*). Sendo apenas um symptoma do delirio pódem convir á muitas molestias do entendimento, quer agudas, quer chronicas, para ellas não existe um tratamento particular. Entretanto, devem não obstante entrar em grande consideração na direcção intellectual e moral dos alienados, e nas vistas therapeuticas que os medicos devem se propor. »

N'esse capitulo além do que acabamos de transcrever e do que já dissemos ao terminar o artigo da REVISTA de Março, nada encontra-se que theoreticamente nos faça conhecer o phenomeno da allucinação. Como o leitor acaba de lêr, as proprias explicações que dá Esquirol não passam de uma especie de affirmativa. Daremos desde já a theoria da allucinação como nos ensina a philosophia espirita, e o leitor comparando-a com o que nos diz Esquirol, o proprio que applicou o termo—ALLUCINAÇÃO, acreditamos que a encontrará positiva, logica e racional. As obras que conhecemos dos alienistas são fecundas nas descripções dos factos; mais ou menos completas em suas classificações, mas não encontramos uma theoria d'esses phenomenos que no seu conjuncto constituem ao que o Doutor Trélat chamou em sua obra loucura lucida. A razão é simples, em sua doutrina elles não admittem a existencia do mundo invisivel; nunca o observaram, não o conhecem e por isso querem explicar com a palavra ALLUCINAÇÃO phenomenos que pertencem ao mundo incorporeo.

A palavra allucinação quer dizer: um erro, illusão de uma pessoa que crê ter percepções que não existem realmente (vem da lingua latina *hallucinari*). Qual a razão physiologica d'esse phenomeno? Os physiologistas ainda não deram. Geralmente acredita-se que para os sabios a physiologia e a optica não têm mysterios, entretanto elles ainda não ex-

(*) *Vesanias* emprega-se communmente esta palavra como synonymo de molestia mental. Pinel a definiu: uma lesão das funcções do entendimento ou das faculdades affectivas, não acompanhada de febre.

plicaram a natureza e origem das imagens que em certas circumstancias se formam e apresentam-se ao espirito, ou mesmo se o quizerem, imprimem-se no cerebro. Querem tudo explicar sómente pelas leis da materia : que expliquem, porém dei-nos por meio de taes leis uma theoria da allucinação ; bôa ou má, em todo caso será melhor do que ha dito Esquirol e tem repetido todos os mais physiologistas.

A causa dos sonhos nunca foi explicada pela sciencia ; porque, attribuil-os a um effeito de imaginação, seria preciso que nos dissessem o que é a imaginação, o como se produz essas imagens tão nitidas e tão claras que nos apparecem algumas vezes ; de outra fórma, é continuar a senda trilhada que consiste em explicar uma cousa desconhecida por outra muito menos conhecida. Nos livros da sciencia esta questão está intacta. Vejam se a doutrina espirita a resolve.

Geralmente dizem que o sonho é uma lembrança das preocupações do estado de vigilia ; porém, ainda mesmo admitindo essa solução, que sem duvida nada resolve, restaria saber qual o espelho magico que assim retrata a impressão d'essas preocupações ; como explicar principalmente essas visões de cousas reaes que jámais foram vistas quando em vigilia, e não se tendo mesmo pensado n'ellas ? Só o espiritismo pôde dar-nos a chave d'esses phenomenos bizarros, que passam inapercebidos, talvez mesmo por serem vulgares, como acontece com as grandes maravilhas da natureza que nós calcamos aos pés.

Os sabios parecem ter desdenhado em occuparem-se com a allucinação ; quer seja ella real, quer não, nem por isso deixa de ser um phenomeno, que a physiologia deve saber explical-o, sob pena de confessar sua incapacidade. Entretanto, se algum sabio um dia tentar, não uma definição, entendamo-nos, porém uma explicação physiologica, então veremos se a sua theoria resolve todos os casos ; que n'ella não omitta principalmente os factos das aparições de pessoas no momento da morte ; que nos diga d'onde vem a coincidencia da aparição com a morte da pessoa ? Se fosse um facto isolado, podia-se attribuir ao que geralmente chamam accaso, porém como é frequente, segue-se que não pôde o accaso repetir-se tantas vezes. Ainda mais, se aquelle que vio a aparição tivesse a imaginação preocupada pela idéa de que certo individuo estava á morte, ainda bem ; porém, o que apparece o mais das vezes é aquelle em quem

não se havia pensado ; portanto, a imaginação em casos taes não toma parte. Pela imaginação ainda menos pôde-se explicar as circumstancias que se deram por occasião do fallecimento, das quaes não se podia ter a minima idéa, e que entretanto foram vistas por quem teve a apparição. Dirão, nas allucinações, a alma (isto refere-se aos que admittem a alma) tem momentos de superexcitação em que suas faculdades exaltam-se ! Concordamos ; porém, quando o que ella vio é real, não é uma illusão ! Se em sua exaltação a alma vê uma cousa que não está presente, é porque ella se transporta ; mas se a nossa alma pôde se transportar para ir ter com uma pessoa ausente, porque, a alma d'essa pessoa ausente não se transportará para vir ter conosco ? Que na sua theoria da allucinação os physiologistas queiram attender a esses factos, e não perderem de vista que a uma theoria que se pôde appor factos contrarios é necessariamente falsa ou pelo menos incompleta.

Emquanto aguardamos a explicação dos sabios physiologistas emitamos algumas idéas sobre o assumpto.

Os factos provam que ha verdadeiras apparições que a theoria espirita explica perfeitamente, e que só podem ser negadas por aquelles que nada admittem fóra do organismo ; porém ao lado das visões reaes, haverão allucinações no sentido ligado á palavra ? Não ha que duvidar. Qual a origem d'ellas ? São os espiritos que nos vão traçar a senda, por isso que, a explicação nos parece estar contida nas respostas ás seguintes perguntas :

São sempre reaes as visões ou algumas vezes são o effeito da allucinação ? Quando se vê em sonho, ou por outra fórma, o diabo, verbi-gratia, ou outras cousas phantasticas que não existem, não é isso o producto da imaginação ?

« Sim, algumas vezes, quando se está impressionado por certas leituras ou pelas historias diabolicas que impressionam, recorda-se e acredita-se ver o que não existe. Porém, temos dito tambem que, o espirito debaixo do seu invólucro semi-material, pôde tomar todas as fórmulas para se manifestar. Um espirito mofador pôde, pois, apparecer com chifres e garras, se isso lhe apraz, para zombar da credulidade, como um bom espirito pôde mostrar-se com azas e semblante radioso. »

Pôde-se considerar como apparições as figuras e outras imagens que muitas vezes se apresentam quando se está meio

adormecido, ou simplesmente quando se está de olhos fechados?

« Desde que os sentidos se intorpecem, o espirito se desprende, e pôde ver ao longe ou de perto, o que não podia ver com os olhos. Essas imagens são muitas vezes visões, mas podem ser também um effeito das impressões que a vista de certos objectos deixou no cerebro, o qual conserva d'ellas traços como conserva a impressão do som. O espirito desprendido vê então no cerebro do seu proprio corpo essas estampas, que n'elle se fixaram como sobre uma placa de daguerreotypo. A variedade d'ellas e suas mesclas formam conjunctos bizarros e fugitivos que se apagam quasi no mesmo instante, apesar dos esforços que se faz para os reter. E' a uma causa semelhante que é preciso attribuir certas apparições phantasticas que nada têm de real e que se produzem muitas vezes no estado de molestia. »

E' certo que a memoria, considerada como facto da vida exterior de relação, é o resultado das impressões conservadas pelo cerebro. Qual o singular phenomeno de não se confundirem essas impressões tão variadas, tão multiplas? E' isso um mysterio não facil de ser penetrado, porém que não é mais estranho do que o das ondulações sonoras que se cruzam no ar, e que nem por isso deixam de ser distinctas. A memoria, porém, considerada como faculdade do espirito e independente d'esta nossa vida de relação, prende-se a um facto perispiritual, que não pôde ter logar n'este momento, por isso que tratamos de um phenomeno (a allucinação) da vida exterior de relação.

Em um cerebro bom e bem organizado, essas estampas, de que acima fallámos, são claras e precisas; em um estado menos favoravel, apagam-se e confundem-se; d'ahi, a perda da memoria ou a confusão das idéas. Isso parecerá ainda menos extraordinario admittindo-se, como em phrenologia, um destino especial á cada parte e mesmo á cada uma das fibras do cerebro.

As imagens levadas ao cerebro, pelos olhos deixam n'elle, pois, uma impressão, a qual faz com que se recorde de um quadro, verbi-gratia, como se o tivesse presente diante de si, porém é sempre uma questão de memoria, porque não se o enxerga; ora, em um certo estado de emancipação, a alma vê no cerebro e n'elle torna achar essas imagens, principalmente as que mais a impressionou, conforme a natureza das preocupações ou as disposições do espirito; é assim que

ella n'elle torna achar a impressão das scenas religiosas, diabolicas, dramaticas, mundanas, figuras de animaes bizarros que ella vio em outra época pintados ou mesmo em narrações, porque as narrações tambem deixam impressões. Assim, a alma enxerga realmente, porém, enxerga apenas daguerreotypada no cerebro uma imagem. No estado normal essas imagens são fugitivas e ephemeras, porque todas as partes cerebraes funcçionam livremente; porém no estado de molestia, o cerebro está sempre mais ou menos enfraquecido, o equilibrio não existe em todos os orgãos, alguns sómente conservam sua actividade, ao passo que outros acham-se de alguma sorte paralyzados; d'ahi a permanencia de certas imagens que não se apagam, como acontece no estado normal, pelas preoccupações da vida exterior. Eis a verdadeira allucinação e a causa primitiva das idéas fixas.

Como acabamos de ver fica essa anomalia explicada por uma lei physiologica bem conhecida, A DAS IMPRESSÕES CEREBRAES, mas não dispensa a intervensão da alma; ora, os materialistas não poderão dar uma solução satisfatoria d'esse phenomeno, porque desconhecem a alma. Esses dirão que a explicação espirita do phenomeno da allucinação é má, porque serve-se de um agente contestado; porém, como esse agente é contestado por elles e admittido por immensa maioria desde que ha homens sobre a terra, a negação de alguns não póde estabelecer lei.

Tal qual acabamos expôr a theoria da allucinação explica todos os casos de visões? Certamente que não; desafiamos, porém, aos physiologistas á darem, debaixo do seu ponto de vista exclusivo, uma que resolva todos os casos; porque, quando empregam as palavras sacramentaes—superexcitação e exaltação—nada dizem: Logo, se todas as theorias da allucinação são incompletas para explicar todos os factos, é que ha alguma coisa além da allucinação propriamente dita. A theoria que acabamos de dar seria falsa se a applicassemos á todos os casos de visões, porque certos phenomenos a contradiriam.

E' justa quando applicada á certos factos, como acabamos de ver.

(*Continúa.*)

Theoria da presciencia.

(Vide Revista de Abril pag. 119.)

E' preciso não supôr que a percepção da presciencia se limita a extensão, mas sim que ella comprehende a penetração em todas as cousas; é, nós o repetimos, uma faculdade inherente e proporcionada ao estado de desmaterialisação. Essa faculdade é *amortecida* pela encarnação, porém não fica completamente annullada; porque a alma não fica encerrada no corpo como em uma caixa. O encarnado a possui, posto que em proporção mais restricta do que quando no estado livre inteiramente; é essa faculdade que dá a certos homens um poder de penetração que falta nos outros totalmente, maior justeza no golpe de vista moral, e comprehensão mais facil das cousas extramateriaes.

Não somente o Espirito encarnado percebe, como lembra-se do que viu no estado de Espirito, e essa lembrança é semelhante a de um painel que se retrai em seu pensamento. Na encarnação, o Espirito vê, porém vagamente e como que através de um véo; no estado de liberdade, vê e concebe claramente. *O principio da vista não está fóra d'elle, mas sim n'elle*; é por isso que não precisa da nossa luz exterior. Pelo desenvolvimento moral, o circulo das idéas e da concepção se alarga; pela desmaterialisação do perispirito, este purifica-se dos elementos grosseiros que alteram a delicadeza das percepções; segue-se d'ahi que a extensão de todas as faculdades resulta do progresso do Espirito.

Na encarnação, é o gráo da extensão das faculdades do Espirito que o torna mais ou menos apto para conceber as cousas espirituas. Não obstante, essa aptidão não é consequencia necessaria do desenvolvimento da intelligencia; a sciencia vulgar não a dá; é por isso que se vê homens de grande saber, tão cegos nas cousas espirituas, como outros nas cousas materiaes; esses são refractarios porque não as comprehendem, e não as comprehendem porque o seu progresso não está completo *ainda* n'esse sentido, ao passo que, se vê pessoas de instrucção e de intelligencia vulgar apanhal-as com pasmosa facilidade, o que prova terem intuição antecipada. N'estas, é uma lembrança retros-

pectiva do que viram e souberam, quer na erratecidade, quer em suas existencias anteriores, como outras têm a intuição das linguas e das sciencias que possuiram.

Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espiritos, como se sabe, são unanimes na affirmação do triumpho proximo, apesar dos embarços que se lhe oppõe; essa previsão lhes é facil, em primeiro logar, porque a propagação é obra d'elles, concorrendo para o movimento ou o dirigindo consequentemente sabem, o que devem fazer; em segundo logar, basta abraçarem um periodo de curta duração, e n'esse periodo elles enxergam sobre a senda as potencias auxiliares que Deus lhe suscita, e que não tardaram a se manifestar.

Sem serem Espiritos desincarnados, os Espiritas bastam cogitar no que se ha de dar d'aqui até o fim do seculo no meio da geração que se levanta, e facil será predizer a marcha progressiva do Espiritismo, e o desaparecimento progressivo dos que hoje em dia se oppõem a essa arvore gigantesca, que cada dia cresce e se enraiza no solo da verdade e da razão.

Os acontecimentos vulgares da vida privada são, o mais das vezes, a consequencia da fórmula deliberativa de cada um: tal conseguirá, conforme a sua capacidade, seu saber, sua previdencia, sua prudencia, e sua energia, onde outro nada fará por sua insufficiencia; de sorte que, pôde-se dizer, cada um é o artista de seu proprio futuro, o qual nunca está submettido a uma cega fatalidade independente do individuo. Conhecendo o caracter de um individuo pôde-se facilmente predizer a sorte que o aguarda no caminho que trilha.

Os acontecimentos que dizem respeito aos interesses geraes da humanidade são regulados pela Providencia. Quando uma cousa está nos designios de Deus, elle deve completar-se necessariamente, quer por um ou quer por outro meio. Os homens concorrem para a sua execução, porém nenhum é indispensavel, de outra fórmula o proprio Deus estaria á mercê das suas creaturas. Se o individuo que se incumbio de executar uma missão, falha, outro é encarregado d'ella. Não ha, pois, missão fatal; o homem é sempre livre em cumprir o que lhe é confiado e que voluntariamente acceitou; se não o executa, perde o beneficio, e assume a responsabilidade da demora que pôde provir pelo facto da sua negligencia ou do seu máo querer; se torna-se um obstaculo á realisação, Deus pôde quebral-o com um sopro.

Pôde, pois, o resultado final de um successo ser certo desde

que está nas vistas de Deus ; porém, como o mais das vezes, os detalhes e o modo de execução são subordinados ás circumstancias e ao livre arbitrio dos homens, as sendas e os meios pódem ser eventuaes. Os Espiritos pódem nos fazer antever o conjuncto, se ha utilidade em estarmos prevenidos ; mas, para precisar o logar e a data, precisaria que elles conhecessem com antecedencia a determinação que tomará tal ou tal individuo ; ora, se essa determinação não está ainda no pensamento, conforme terá de ser, ella póde apressar ou a retardar o desfeicho, modificar os meios secundarios da acção, concorrendo tudo para o mesmo resultado. E' assim, por exemplo, que os Espiritos pódem pelo conjuncto de circumstancias, prever que uma guerra está mais ou menos proxima, que é inevitavel, sem predizer o dia em que começará, nem os incidentes dos detalhes que pódem ser modificados pela vontade dos homens.

Para a fixação da época de acontecimentos futuros, é preciso, por outra, ter em vista uma circumstancia inherente á natureza propria dos Espiritos.

O tempo, da mesma sorte o espaço, não póde ser avaliado senão pelo auxilio de pontos de comparação ou de reparo que o dividem em periodos contaveis. Sobre a terra, a divisão natural do tempo em dias e em annos é marcado pelo levantar e deitar do sol, e pela duração do movimento de transladação da terra. As unidades de medidas devem variar conforme os mundos, visto que os periodos astronomicos são differentes ; é assim, por exemplo, que em Jupiter, os dias equivalem a dez das nossas horas, e os annos quasi a doze annos terrestres.

Ha, pois, em cada mundo uma maneira differente de avaliar a duração, conforme a natureza das revoluções astraes que ahi se completarem ; isso, seria já uma difficuldade para a determinação de nossas datas para os Espiritos que não conhecem o nosso mundo. Ainda mais, fóra dos mundos, esses meios de apreciações não existem. Para um Espirito no espaço, não ha nascer nem pôr do sol marcando os dias, nem revoluções periodicas marcando os annos ; ha apenas a duração e o espaço infinito. Aquelle que não tenha vindo á terra, não terá conhecimento algum dos nossos calculos, que, por fim, lhe será completamente inuteis ; ainda mais : o que não se tiver encarnado em mundo algum não terá noção alguma das fracções da duração. Quando um Espirito estranho á terra n'ella se manifestar, não póde assignar a data dos acontecimentos, senão identificando-se com os nossos usos, o que sem duvida está em seu poder, mas o que, o mais das vezes, não julga util fazer.

Os Espiritos que compõem a população invisível do nosso globo, onde já viveram e onde continuam a viver no meio de nós, estão naturalmente identificados com os nossos hábitos, dos quaes levam a lembrança para a erraticidade. Estes podem, com mais facilidade, marcar a época de um acontecimento futuro quando o conheçam; porém nem sempre isso lhe é permittido, por serem impedidos pelas causas dos detalhes que são subordinados ao livre arbitrio e ás decisões eventuaes do homem: portanto, a data precisa só tem logar quando o acontecimento se realisa.

Eis porque as predicções circumstanciadas não podem offerecer certeza, e só devem ser acceitas como probabilidades, quando mesmo não tragam o cunho de *legitima suspeição*. Tambem os Espiritos verdadeiramente sabios nunca predizem cousa alguma fixando a época; limitam-se a nos fazer antever sem participação cousas que nos são uteis conhecer. Insistir em obter detalhes precisos, é expôr-se ás mystificações dos Espiritos levianos ~~que predizem tudo quanto se quer, sem se importarem com a verdade e divertem-se com os sustos e com as decepções que causam.~~

A fórmula assás geralmente empregada até aqui para as predicções fazem d'ellas verdadeiros enigmas, muitas vezes indecifráveis. Essa fórmula mysteriosa e cabalística, da qual Nostradamus offerece o mais completo typo dá-lhe um certo prestigio aos olhos do vulgo, que tanto mais valor lhe attribue, quanto mais incompreensíveis são as predicções. Pela ambiguidade, prestam-se a interpretações muito differentes; de sorte tal que, conforme o sentido attribuido á certas palavras allegoricas ou de convenção, conforme a maneira de comptar o calculo bizarramente complicado das datas, e com um pouco de bôa vontade, n'ella se acha quasi tudo quanto se quer.

Como quer que seja, não se pôde deixar de convir que algumas têm um caracter serio, e confundem por sua veracidade. E' provavel que essa fórmula mysteriosa tenha tido, em certo tempo, sua razão de ser e mesmo sua precisão.

Hoje em dia, as circumstancias não são as mesmas; o positivismo do seculo pouco se accommodaria com linguagem sibyllina. Portanto, as predicções dos nossos dias não affectam mais essas fórmulas estranhas; as que fazem os Espiritos nada

têm de mystico : elles fallam a linguagem commum, como fariam se fossem vivos corporalmente, porque não cessaram de pertencer á humanidade ; elles nos fazem presentir as cousas futuras, pessoaes ou geraes, quando isso nos póde ser util, na medida da perspicacia de que são dotados, como fazem os conselheiros e os a nigos. As suas previsões, são, antes advertencias, que nada tiram ao livre arbitrio, do que predicções propriamente ditas, que implicariam uma fatalidade absoluta. Sua opinião é, por outra, quasi sempre motivada, porque não querem que o homem annulle sua razão debaixo da fé cega, isso que o permite fazer apreciação do que é justo,

A humanidade contemporanea tem tambem prophetas ; mais de um escriptor, poeta, litterato, historiador ou philosopho, fizeram presentir em seus escriptos a marcha futura que hoje se vê realisar.

Essa aptidão prende-se, sem duvida, muitas vezes, á certeza do discernimento com que se deduzem as consequencias logicas do presente ; porém, muitas vezes tambem é o resultado de uma intelligencia especial inconsciente, ou de uma inspiração estranha. O que esses homens fizeram quando vivos, podem com mais forte razão fazel-o e com mais exactidão no estado de Espirito, por isso que a vista espiritual não está obscuricida pela materia.

Posto não sejam os factos de presciencia novidades para o leitor, não obstante, para exemplificar a theoria d'elles, citaremos dois que já foram realisados, e os quaes são attestados por pessoas insuspeitas.

Na REVISTA de Março, no artigo—*factos vulgarmente chamados —visões,*—fallámos de uma senhora residente em Baependy. E' da mesma senhora X que vamos relatar os dois factos seguintes :

Ha annos achava-se a senhora X em companhia de algumas pessoas juntamente com algumas creanças. A conversação, em um momento dado, versou sobre um dos meninos presentes, o qual se destinava á carreira sacerdotal. Nada parecia oppôr-se á carreira projectada á creança. Os pais tinham fortuna sufficiente, para mandar estudar seu filho ; havia desejo ardente da parte d'elles e inclinação da parte do menino.

Uma pessoa das que se achavam presentes disse:—Eis quem mais tarde será o nosso padre. Não, respondeu a senhora X, esse menino não se ordenará: Quem ha de ir estudar, tomar ordens, e vir dizer missa em uma capella que vou erigir, é este: Indicou uma das creanças, cujas condições, n'aquelle momento, não podiam induzir pessoa alguma á crêr que fosse possivel ella sair de Baependy para estudar; nem mesmo, a vontade da senhora X podia despertar a idéa de que ella mandaria estudar o menino, porque não estava essa senhora nas condições de fortuna que o podesse fazer. Pois bem. A creança que se destinava á carreira ecclesiastica, não tomou ordens, e o menino indicado pela senhora X, já ha muito que disse a sua primeira missa na capella que, a mesma senhora conseguiu erigir debaixo da evocação de Nossa Senhora.

A senhora do meu amigo o coronel.*** relatou-me este outro facto da senhora X: « Achando-me em Baependy fui consultar a senhora X sobre uns escravos nossos que ha muitos annos estavam fugidos. Ella respondeu-me que os escravos estavam vivos, que residiam no matto, mas que eu ficasse certa que elles não estavam perdidos; porque, dentro em pouco tempo, uma pessoa havia de procurar meu marido para negociar esses escravos. Um mez ou pouco mais, depois da minha volta das aguas, já nem eu me lembrava do que me havia dito a senhora X, vejo chegar ao terreiro da fazenda, um homem procurando por meu marido. Esse homem veio tratar a compra d'aquelles nossos escravos fugidos, a qual se effeituou. »

O orgulho.

DISSERTAÇÃO MORAL DITADA PELO ESPIRITO DE S. LUIZ.

I.

Um soberbo possuia de terra alguns arpões; vaidoso estava com as pesadas espigas que enchiam seu campo, e olhar desdenhoso lançava para o campo esteril do humilde. Este levantava-se ao cantar do gallo, e todo dia ficava curvado sobre o sólo ingrato; pacientemente juntava os seixos e os ia lançar á beira do caminho; profundamente revolvía a terra, e afadigado ex-

tirpava as çarças que o cobria. Ora, seus suores fecundaram seu campo e elle produzio puro frumentó.

Entretanto, crescia o joio no campo do soberbo abafando o trigo, cmquanto que o dono distrahido glorificava-se da fecundidade, e olhava escarninho para os esforços silenciosos do humilde.

Na verdade vos digo, o orgulho é semelhante ao joio que abafa ao bom grão. Todo aquelle d'entre vós que se julga mais que seu irmão, e que d'isso se gloria, é insensato; sabio é todo aquelle que trabalha em si, semelhante ao humilde em seu campo, sem vaidoso ficar de sua obra.

II.

Houve um homem rico e poderoso que possuia as graças de um principe, habitava palacios e numerosos creados se apresentavam em prevenir seus desejos.

Um dia em que sua matilha perseguia um veado nas profundezas de uma floresta, elle avistou um pobre lenhador que afanosamente caminhava com um feixe de lenha ás costas; chamou-o e disse: « Vil escravo, passas por diante de mim sem te inclinar? Eu sou igual ao senhor, minha voz nos conselhos decide da páz ou da guerra, e os grandes do reino curvam-se diante de mim. Sabe que sou sabio entre os sabios, poderoso entre os poderosos, grande entre os grandes, e a minha elevação é obra das minhas mãos.

Senhor! respondeu o pobre homem, eu temia que a minha humilde saudação vos offendesse. Sou pobre, só tenho os meus braços por fortuna, porém não desejo as vossas enganosas grandezas. Durmo somno tranquillo, e não receio, como vós, que a vontade do senhor me faça cahir da minha obscuridade.

Os grandes humilhados erguem-se sobre si; ora, o principe cansou-se com o orgulho do soberbo, e este foi precipitado do cume do seu poder, semelhante á folha murcha que o vento varre do cume de uma montanha; porém o humilde continuou pacificamente o seu rude trabalho, sem preoccupar-se do dia seguinte.

III.

Soberbo, humilha-te, porque a mão do SENHOR curvará até no pó o teu orgulho!

Escuta! Nascestes onde a sorte te lançou; saistes do seio de

tua mãe fraco e nú como o ultimo dos homens. Porque levantas a tua fronte mais alto do que a de teus semelhantes, tu que como elles nascestes para a dôr e para a morte ?

Escuta ! Tuas riquezas, tuas grandezas, vaidades do nada, escaparão ás tuas mãos quando o grande dia chegar, semelhante as aguas vagabundas da torrente que o sol desicca. Não levarás de tuas riquezas mais do que as taboas do teu ataúde, e os titulos gravados sobre tua pedra mortuaria serão palavras sem sentido.

Escuta ! Do coveiro o cão com teus ossos brincará, e elles serão confundidos com os ossos do mendigo, e tua poeira se misturará com a sua, porque um dia ambos vós haveis de ser poeira. Maldirás então os dons que recebêstes vendo o mendigo revestido de sua gloria, e tu chorarás o teu orgulho.

Soberbo, humilha-te, porque a mão do SENHOR curvará até no pó o teu orgulho.

A pluralidade dos mundos.

Foi sem duvida em um d'esses momentos em que o homem levantando os olhos para a abobada celeste medita sobre o que se passará n'essa immensidade de mundos, suspenos sobre nossas cabeças, que Lucreceo recebeu a inspiração dos seguintes versos :

Necesse est confiteare
Esse alios aliis terrarum in partibus orbes
Et varia Hominem gentes et sœcla terrarum. (*)

O que o poeta latino nos disse ha mais de dois mil annos, é hoje confirmado pela sciencia que sonda as infinitas regiões do espaço, que nos inicia sobre a natureza dos astros já pelo telescopio, já pela analyse spectral ! Se não com a precisão do observador que além de vêr apalpa, pelo menos com muita probabilidade o astronomico nos diz : a lua parece não ter do lado que nos é visivel nem atmosphera nem agua. Mercurio acha-se distante do sol 14,783,400 leguas. A nossa terra está distante do nosso astro luminoso 38,230,000 leguas. Comparando estas duas distancias e tendo em vista o

(*) Todo esse universo visivel não é o unico na natureza, e devemos acreditar que existem outras regiões do espaço, outras terras, outros seres e outros homens.

calor solar sobre a superficie da terra, concluimos que em Mercurio o sol deve ser tão ardente que levará o chumbo á fusão.

Saturno está afastado do sol 364,351,600 leguas, tudo n'elle se deve passar diametralmente opposto ao que tem logar em Mercurio. Falta-nos, pois, o termo de comparação para rigorosamente estabelecer a relação do frio que lá deve fazer. Quão fraca não será em sua superficie a luz solar, apesar da refração dos seus setes satelites e da do seu immenso anel; por isso que, o sol visto a uma tão grande distancia assemelha-se a uma das estrellas de primeira grandeza?!

E', pois, servindo-se dos dados fornecidos pela propria sciencia, que alguns formulam objecções contra a habitabilidade dos mundos e pretendem com ellas aniquilar a risonha idéa de não ser o nosso planeta o unico berço da humanidade! Verdade é que, os que assim objectam não são pessoas muito instruidas, nem reflectidas; porque, deveriam saber que, as observações microscopicas têm descoberto seres animados na propria chamma do fogo e nos gelos polares. Assim, pois, qual o valor das seguintes interrogações:

— Como podem viver em Mercurio? — Como habitar em Saturno? — Como respirar na lua e mitigar n'ella a sêde?

Dizemos que a lua não tem atmospherá, porque não a temos percebido; porém não se segue que não exista composta de elementos tão rarefeitos que escapem aos nossos meios de observação ou mesmo de elementos que nos sejam desconhecidos.

O que, pois, nos impede de conceber que seres com organização apropriada possam viver nos outros planetas, e que lá exista tambem a humanidade?

A opinião da pluralidade dos mundos habitados remonta á mais alta antiguidade, foi em todas as épocas idéa sustentada por muitos philosophos celebres, como o demonstra C. Flamaron em seus escriptos. E' uma das verdades que nos foi transmittida pelo Evangelho, n'estas palavras: **A CASA DE MEU PAI TEM MUITAS MORADAS.**

Conducção de flôres, corpo fluidico interceptando a luz.

Meu caro senhor Leymarie.

No dia 15 do corrente meu Espirito familiar pedio-me que eu fosse á casa de Buguét (na sexta feira) as 11

horas, porque desejava fazer-me alguma cousa em pleno dia. A' hora marcada achei-me em casa de Buguet com o medium, ignorando o que devia se passar (suppuz ser alguma materialisação para me dar o seu retrato). Perguntei-lhe : o que devemos fazer ? Respondeu, por intermedio do medium : « Buguet te collocará como habitualmente em posição. » Buguet perguntou-lhe antes de começar : « Tendes alguma cousa á dizer-me ? » Virei perfeitamente hoje, e farei um bello mimo á meu bom Juliano, porque o amo muito ; orno a minha fronte, para tornar-me muito bella. »

Quando tudo se achou prompto, colloquei-me ; terminada a operação, Buguet e eu, descemos para desenvolver o *cliché*. Qual não foi o nosso espanto não enxergando cousa alguma sobre a placa ! (de 0. 30 + 0, 24). Não apparecer o Espirito, isso podia ser, porém o meu retrato e a mesa sobre a qual me apoiei, deviam infallivelmente sahir. Por meio do medium perguntamos a causa.

Resposta : « Porque, o que Clarita e eu, queremos offerer ao nosso bom Juliano não está ainda bem materializado e eu tapei completamente a luz diante da objectiva, á fim de que não penetrasse n'ella. Traba'hamos n'este momento para concluir o nosso mimo. — O mimo estará prompto no momento de minha collocação ? — Sim. » Teve logar a operação, e no momento em que Buguet feichou a objectiva, cahio-me do tecto da sala envidraçada, roçando-me a cabeça, uma esplendida corôa de flores admiraveis ; tem o diametro de 0. 5 e pesa 6 hectos ; o Espirito a lançou sobre mim, apenas a operação terminada. No desenvolvimento da placa, obtive uma prova magnifica do meu Espirito familiar ; seus cabellos são fluctuantes, elle sustenta na mão a sua bella corôa. (Fiz photographar o modelo que me deixou.) Este caso é muito interessante : 1° Essa bella, corôa foi materializada por elle, sustentada perto da minha cabeça, sem que pessoa alguma a enxergasse ; 2° essa corôa não estando prompta quando me colloquei a primeira vez, o Espirito encobrio com um véo completamente a luz de fórma a impedir a reproducção dos objectos collocados diante da objectiva ; o que, para nós, não se póde conceber senão obstruindo a luz com um corpo opaco. Em quanto esperamos que elles nos queiram esclarecer, contentemo-nos em admirar a potencia que Deus concede aos Espiritos superiores.

Compreendi depois que o mimo era o seu magnifico retrato

representandô-a com uma soberba corôa de flôres reaes na mão, que me a deixou partindo, e que eu a conservarei sempre.

Persuadido que este facto pôde-vos interessar, apresso-me em communicar-vos, dando-vos a liberdade de o publicar se o quizerdes.

Tenho a honra, senhor e amigo, de cordicalmente saudar-vos

CONDE DE BULLET.

Paris, 19 de Fevereiro de 1875, Hotel d' Athénée, rua Scribe.

Conversa com o Espirito de Bernardo de Palissy.

DESCRIPÇÃO DE JUPITER.

Observação. — Muito antes de ter o Espirito de Bernardo de Palissy dado as communicações que abaixo vamos transcrever, já o immortal Allan-Kardee havia obtido de outros Espiritos evocados, noticias do celebre oleiro do XVI seculo.

As descripções que elle nos faz do planeta Jupiter são de grande interesse; nós não podemos asseverar que sejam exactas, mas podemos dizer que concordam com outras communicações dadas por outros Espiritos, por intermedio de outros mediums.

Perg. — Onde te achastes deixando a terra?

Resp. — Ainda fiquei n'ella.

Perg. — Em que condição ficastes n'ella?

Resp. — Debaixo dos traços de uma mulher amorosa e devotada; foi apenas uma missão.

Perg. — Durou muito tempo essa missão?

Resp. — Trinta annos.

Perg. — Lembras-te do nome d'essa mulher?

Resp. — E' obscuro.

Perg. — Satisfaz-te a estima que se tem por tuas obras, e isso mitiga os soffrimentos que experimentastes?

Resp. — Que me importam as obras materiaes feitas por minhas mãos! é com o soffrimento que me elevou que me importo.

Perg. — Com que fim traçastes, servindo-te das mãos de Victorino Sardou, os desenhos admiraveis que déstes relativos ao planeta Jupiter que habitas?

Resp. — Com a intenção de vos inspirar o desejo de vos tornardes melhor.

Perg. — Como muitas vezes vens á terra que habitastes, deves conhecer bastante o estado physico e moral d'ella para estabeleceres uma comparação com Jupiter; pedimos-te que nos esclareças sobre diversos pontos.

Resp. — Sobre o vosso globo, venho apenas como Espirito; o Espirito não tem mais sensações materiaes.

ESTADO PHYSICO DO GLOBO.

Perg. — Póde-se comparar a temperatura de Jupiter com aquella de uma das nossas latitudes?

Resp. — Não; é aprazível e temperada: sempre igual, e a vossa varia. Lembrai-vos dos campos Elyseos que vos foram descriptos.

Perg. — O painel que os antigos nos deram dos campos Elyseos teria sido o resultado do conhecimento intuitivo que tinham de um mundo superior, tal como Jupiter, por exemplo?

Resp. — Do conhecimento positivo; a evocação ficou nas mãos dos padres.

Perg. — A temperatura varia conforme as latitudes como aqui?

Resp. — Não.

Perg. — Conforme os nossos calculos, o sol deve apparecer aos habitantes de Jupiter debaixo de um angulo muito pequeno, e por causa d'isso dar muito pouca luz. Pódes dizer-nos se a intensidade da luz ahí é igual a da terra, ou se é menos intensa?

Resp. — Jupiter é envolvido por uma sorte de luz espiritual em relação com a essencia de seus habitantes. A grosseira luz do vosso sol não é feita para elles.

Perg. — Ha lá uma atmosphaera?

Resp. — Sim.

Perg. — A atmosphaera é formada dos mesmos elementos que compõe a da terra?

Resp. — Não; os homens não são os mesmos; suas necessidades são diversas.

Perg. — Ha aguas e mares.

Resp. — Sim.

Perg. — A agua é formada dos mesmos elementos que a da terra?

Resp. — Mais etherea.

Perg. — Ha vulcões ?

Resp. — Não ; nosso globo não é tormentoso como o vosso ; a natureza n'elle não tem essas grandes crises ; é a morada dos felizes. A materia n'elle apenas dá contacto.

Perg. — As plantas têm analogia com a nossa ?

Resp. — Sim, porém muito mais bellas.

ESTADO PHYSICO DOS HABITANTES.

Perg. — A conformação dos corpos dos habitantes tem relação com a nossa ?

Resp. — Sim ; é a mesma.

Perg. — Pódes tu dar-nos uma idéa do porte d'elles comparado com o dos habitantes da Terra ?

Resp. — Altos e bem proporcionados. Mais altos do que os mais altos dos vossos homens. O corpo humano é como que uma especie de fôrma do Espirito : bella quando o Espirito é bom : o invólucro é digno d'elle ; não é mais uma prisão.

Perg. — Os corpos são ahi opacos, diaphanos ou translucidos ?

Resp. — Ha de uns e de outros. Uns têm tal propriedade, outros têm tal outra, conforme o destino,

Perg. — Concebemos isso em relação aos corpos inertes, porém, nossa questão refere-se aos corpos humanos ?

Resp. — O corpo envolve o espirito sem occultar, como um véo tenue lançado sobre uma estatua. Nos mundos inferiores o invólucro grosseiro encobre o Espirito á seus semelhantes ; porém os bons nada mais têm que encobrir : podem lêr no coração uns dos outros. O que seria se isso fosse o mesmo sobre a Terra !

Perg. — Lá ha sexos differentes ?

Resp. — Sim ; ha sexo por toda parte em que existe a materia ; é uma lei da materia.

Perg. — Qual a base da nutrição dos habitantes ? E' animal e vegetal como aqui ?

Resp. — Puramente vegetal ; o homem é o protector dos animaes.

Perg. — Foi-nos dito que sugam a maior parte da nutrição do meio ambiente do qual aspiram as emanções ; é isso exacto ?

Resp. — Sim.

Perg. — A duração da vida comparada com a nossa, é mais longa ou mais curta ?

Resp. — Mais longa.

Perg. — Quanto tempo dura a vida média ?

Resp. — Como medir o tempo ?

Perg. — Não podes tomar um dos nossos seculos para termo de comparação ?

Resp. — Creio que é pouco mais ou menos cinco seculos.

Perg. — O desenvolvimento da infancia é proporcionalmente mais rapida do que entre nós ?

Resp. — O homem conserva sua superioridade ; a infancia não comprime sua intelligencia, a velhice não a extingue.

Perg. — Os homens são sujeitos ás doenças ?

Resp. — Não são sujeitos aos vossos males.

Perg. — A vida reparte-se entre a vigilia e o somno ?

Resp. — Entre a acção e o repouso.

Perg. — Podes dar-nos uma idéa das diversas occupações dos homens ?

Resp. — Seria preciso dizer muito. A principal occupação d'elles consiste em dar coragem aos Espiritos que habitam os mundos inferiores para que persistam no bom caminho. Não tendo o infortunio á mitigar entre si : vão procurar onde se soffre ; são os bons Espiritos que vos sustentam e vos pucham para bôa senda.

Perg. — São algumas artes cultivadas por elles ?

Resp. — Ellas são inuteis lá. As vossas artes são chocalhos que distraem os vossos soffrimentos.

Perg. — A densidade especifica do corpo humano permite que elle se transporte de um logar para outro sem ficar, como aqui, ligado ao solo ?

Resp. — Sim.

Perg. — Experimentam o aborrecimento e o desgosto da vida ?

Resp. — Não ; o desgosto da vida só provêm do desprezo que se tem de si proprio.

Perg. — O corpo do habitante de Jupiter sendo menos denso do que o nosso, será formado de materia compacta condensada ou vaporosa ?

Resp. — Compacta para nós, porém, para vós, não o seria ; é menos condensada.

Perg. — O corpo, considerado como formado de materia, é impenetravel ?

Resp. — Sim.

Perg. — Os habitantes têm uma linguagem articulada como nós ?

Resp. — Não: ha entre elles communição de pensamentos.

Perg. — A segunda vista ou vista psychica é, como se nos disse, faculdade normal e permanente entre vós?

Resp. — Sim, o Espirito não tem estorvos; cousa alguma lhe é occulta.

Perg. — Se cousa alguma é occulta ao Espirito, elle conhece o futuro? (Referimo-nos aos Espiritos encarnados em Jupiter).

Resp. — O conhecimento do futuro depende da perfeição do Espirito; tem menos inconvenientes para nós do que para vós; elle nos é mesmo necessario, até um certo ponto, para a execução das missões que temos de preencher; porém, dizer que conhecemos o futuro sem restricção, seria pormo-nos na mesma ordem de Deus.

Perg. — Podeis revelar tudo quanto sabeis do futuro?

Resp. — Não; esperai para sabel-o quando o tiverdes merecido.

Perg. — Communicai-vos mais facilmente com os outros Espiritos do que nós?

Resp. — Sim! sempre; a materia não mais está de permeio entre nós.

Perg. — A morte inspira espanto e medo como entre nós?

Resp. — Porque seria ella medonha? Não existe mais o mal entre nós. Só o malvado vê seu ultimo momento com espanto; teme seu juiz.

Perg. — O que se tornam os habitantes de Jupiter depois da morte?

Resp. — Crescem sempre em perfeição sem soffrerem mais provações.

Perg. — Não ha em Jupiter Espiritos que se submettem á provações para preencher uma missão?

Resp. — Sim, porém n'esse caso não ha mais provações; somente o amor do bem leva-os á soffrer.

Perg. — Podem peccar em suas missões?

Resp. — Não, visto serem bons; só ha fraqueza onde ha defeito.

Perg. — Podes dar-nos o nome de alguns Espiritos habitantes de Jupiter que desempenharam grandes missões na terra?

Resp. — S. Luiz.

Perg. — Não podes nomear outros?

Resp. — Que vos importa! Ha missões desconhecidas que têm por fim a felicidade apenas de um; essas são algumas vezes maiores: são mais dolorosas.

DOS ANIMAES.

Perg. — O corpo dos animaes é mais material do que o dos homens ?

Resp. — Sim ; o homem é o rei, o Deus terrestre.

Perg. — Entre os animaes ha carnivoros ?

Resp. — Os animaes não se dilaceram uns aos outros ; todos vivem submittidos ao homem, amam-se entre si.

Perg. — Não ha animaes que escapam a acção do homem, como os insectos, os peixes, os passaros ?

Resp. — Não ; todos lhe são uteis.

Perg. — Disseram-nos que os animaes são os servidores e os obreiros que executam os trabalhos materiaes, constroem as habitações, etc, é isso verdade ?

Resp. — Sim ; o homem não se abaixa mais á servir seu semelhante.

Perg. — Os animaes servos são ligados a uma pessoa ou familia, ou se os toma e se os troca a vontade como aqui ?

Resp. — Todos são ligados a uma familia particular : vós trocaes em busca de melhor.

Perg. — Os animaes servos acham-se no estado de escravidão ou de liberdade ?

Resp. — Estão no estado de submissão.

Perg. — Os animaes trabalhadores recebem uma remuneração qualquer pelos seus trabalhos ?

Resp. — Não.

Perg. — Desenvolvem-se as faculdades dos animaes por uma sorte de educação ?

Resp. — Elles as desenvolvem por si.

Perg. — Os animaes têm uma linguagem mais precisa e mais caracterisada que a dos animaes terrestres ?

Resp. — Certamente.

ESTADO MORAL DOS HABITANTES.

Perg. — As habitações das quaes nos déstes um modelo pelos teus desenhos acham-se reunidas em cidades como aqui ?

Resp. — Sim ; os que se amam reúnem-se ; só as paixões fazem a solidão em torno do homem. Se o homem ainda máo procura seu semelhante, que para elle é um instrumento de magoas, porque fugiria o homem puro e virtuoso de seus irmãos ?

Perg. — Ahi os Espiritos são iguaes ou de diferentes grãos ?

Resp. — De diferentes grãos, porém da mesma ordem.

Perg. — Pedimos-te de te referindo a escala espirita dizer-nos a que a ordem pertencem os Espiritos encarnados em Jupiter?

Resp. — Todos bons, todos superiores; o bem desce algumas vezes ao mal; porém jamais o mal confunde-se com o bem.

Perg. — Os habitantes formam diferentes povos como sobre a terra?

Resp. — Sim; porém todos unidos pelos laços de amor.

Perg. — As guerras são ahí, visto isso, desconhecidas?

Resp. — Questão inutil.

Perg. — O homem poderá chegar sobre a terra a um grão de perfeição assás elevado para dispensar as guerras?

Resp. — Seguramente lá chegarão; a guerra desaparecerá com o egoismo dos povos e à medida que melhor compreenderem a fraternidade.

Perg. — Os povos são governados por chefes?

Resp. — Sim.

Perg. — No que consiste a superioridade e inferioridade dos Espiritos em Jupiter, visto serem todos bons?

Resp. — Elles têm mais ou menos conhecimentos e experiencia; purificam-se esclarecendo-se.

Perg. — Ha, como sobre a terra, povos mais ou menos adiantados uns que outros?

Resp. — Não; porém nos povos ha grãos diferentes.

Perg. — Qual a ordem que occuparia o povo mais adiantado da terra se fosse transportado para Jupiter?

Resp. — A ordem dos vossos macacos.

Perg. — Os povos são governados por leis?

Resp. — Sim.

Perg. — Ha leis penaes?

Resp. — Lá não ha crimes.

Perg. — Quem fez as leis?

Resp. — Deus as fez.

Perg. — Ha ricos e pobres, isto é, homens que têm a abundancia e o superfluo, e outros aos quaes falta o necessario?

Resp. — Não, todos são irmãos; se um tem mais que outro, divide; não gozaria quando seu irmão necessitasse.

Perg. — São as fortunas iguaes para todos visto isso?

Resp. — Não disse que todos fossem ricos igualmente; perguntas-me, se ha quem tenha o superfluo e se ha quem não tenha o necessario.

Perg. — Estas duas respostas nos parecem contraditorias, pedimos-te de pô-las de accordo.

Resp. — Pessoa alguma tem o superfluo, á pessoa alguma falta o necessario, isto é, a fortuna de cada um está em relação com sua condição. Estás satisfeito.

Perg. Comprehendemos agora; porém perguntaremos ainda, se aquelle que tem menos não é infeliz relativamente ao que tem mais?

Resp. — Não pôde ser desgraçado desde que não é invejoso nem ciumento. A inveja e o ciúme fazem mais infelizes do que a miseria.

Perg. — Em que consiste a riqueza em Jupiter?

Resp. — O que vos importa?!

Perg. — Ha desigualdades de posição social?

Resp. — Sim.

Perg. — Sobre que são fundadas?

Resp. — Sobre as leis da sociedade. Uns são mais ou menos adiantados na perfeição. Os que são superiores têm sobre os outros uma sorte de autoridade, semelhante a do pai sobre os filhos.

Perg. — Desenvolve-se as facultades do homem pela educação?

Resp. — Sim.

Perg. — O homem sobre a terra pôde adquirir assás perfeição para merecer passar immediatamente á Jupiter?

Resp. — Sim, porém o homem sobre a terra, é submettido a imperfeições para que esteja em relação com os seus semelhantes.

Perg. — Quando um Espirito que deixa a terra deve ser reencarnado em Jupiter, erra n'ella durante algum tempo antes de ter achado o corpo ao qual se deve unir?

Resp. — Fica ahí durante um certo tempo, até que se tenha desprendido das imperfeições da terra.

Perg. — Ha lá muitas religiões?

Resp. — Não; todos professam o bem, e todos adoram a um Deus.

Perg. — Ha lá templos e um culto?

Resp. — Por templo ha o coração do homem; por culto o bem que elle faz.

Os mediums.

(Vide Revista de Abril, pag. 108.)

Mediums noturnos; os que só obtem certos effeitos physicos na obscuridade. Eis a resposta de um Espirito a uma pergunta

feita no sentido de saber se devia-se considerar esses mediums como formando uma variedade :

« Certamente pôde-se fazer d'elles uma especialidade, porém esse phenomeno prende-se antes ás condições ambientes do que á natureza do medium ou dos Espiritos ; devo ajuntar que alguns escapam á influencia do meio, e que a maior parte dos mediums noturnos poderiam chegar, pelo exercicio, a operar tanto á luz como na obscuridade. Essa variedade é pouco numerosa ; e, é indispensavel dizel-o em favor d'essa condição que deixa toda liberdade ao emprego das mystificações, da ventriloquia e dos tubos acusticos com que os charlatães tanto têm abusado da credulidade fazendo-se passar por mediums com o fim de colherem escudos. Porém o que importa ? Os pelotiqueiros das camaras, semelhantes aos pelotiqueiros da praça publica, serão cruelmente desmascarados, e os Espiritos lhes provarão que não fazem bem intrometterem-se em suas obras. Sim, repito, certos charlatães apanharão nos dedos para os desgostar de um modo assás rude do officio de falsos mediums. Finalmente, tudo isso é questão de tempo. (ERASTO.) »

Mediums pneumatographos ; são os que obtem a escripta directa. Phenomeno rarissimo, e principalmente o mais facil á ser imitado pelos pelotiqueiros.

NOTA. A escripta directa deve ser classificada entre os effeitos de ordem physica, porque segundo dizem os Espiritos : » Os *mediums de effeitos intelligentes* são aquelles nos quaes os Espiritos se servem dos materiaes cerebraes do medium, o que não acontece no caso da escripta directa ; n'esse phenomeno a acção do medium é toda material, ao passo que nos mediums escriptores, nos proprios analphabetos, o cerebro representa papel activo. »

Mediums curadores, são os que têm o poder de curar ou de aliviar os enfermos pela imposição das mãos ou pela oração.

« Essa faculdade não é essencialmente medianimica ; pertence á todos os verdadeiros crentes, quer sejam mediums ou não ; muitas vezes é apenas a exaltação da potencia magnetica fortificada em caso de necessidade pelo concurso dos bons Espiritos. »

Mediums excitadores ; são os individuos que têm o poder

de desenvolver, por sua influencia, a faculdade de escrever em outrem.

« N'esse caso, é antes um effeito magnetico do que um facto de mediumnidade propriamente dita, porque não prova a intervensão de um Espirito. Em todo caso, pertence a ordem dos effeitos phisicos. »

Mediums auditivos ; são os que ouvem os Espiritos. Muito commum.

« Ha muitos que figuram ouvir o que apenas está em sua imaginação. »

Mediums fallantes ; são os que fallam debaixo da influencia dos Espiritos. Muito commum.

Mediums videntes ; são os que no estado de vigilia, enxergam os Espiritos. A visão accidental e fortuita de um Espirito em uma circumstancia particular é assás frequente ; porém a visão habitual e facultativa dos Espiritos sem distincção é excepcional.

« E' uma aptidão que a ella se oppõe o estado actual dos órgãos ; por isso é útil não acreditar sobre palavra nos que dizem enxergar os Espiritos. »

Mediums inspirados ; os que têm pensamentos suggeridos pelos Espiritos, o mais das vezes sem sua participacão, quer para os actos ordinarios da vida, quer para os grandes trabalhos da intelligencia.

Mediums de presentimentos ; pessoas que em certas circumstancias, têm uma vaga intuicão das cousas futuras vulgares.

Mediums propheticos ; variedade de mediums inspirados ou de presentimentos ; recebem, com a permissão de Deus e com mais precisão do que os mediums de presentimentos, a revelacão das cousas futuras de interesse geral, e que são encarregadas de fazer conhecer aos homens para instrucção d'elles.

« Se ha verdadeiros prophetas, ainda mais os ha falsos, e que temam as phantasias de sua imaginação pela revelacão, quando não são velhacos que se fazem acreditar por taes pela ambição. »

Mediums somnambulos ; os que no estado de somnambulismo são assistidos pelos Espiritos.

Mediums extaticos ; os que, no estado de extasis recebem revelações da dos Espiritos.

« Muitos extaticos são joguetes de sua propria imaginação e os Espiritos enganadores aproveitam-se da exaltação d'elles. Os que merecem uma inteira confiança são muito raros. »

Mediums pintores e desenhadores ; os que pintam ou desenham debaixo da influencia dos Espiritos. Fallamos dos que obtem cousas sérias, porque não se póde dar esse nome á certos mediums aos quaes os Espiritos mofadores obrigam á fazer cousas grotescas que desacreditariam o ultimo dos escolares.

Os Espiritos frivolos são imitadores. Na época em que appareceram os celebres desenhos do planeta Jupiter, surgiu um grande numero de pretendidos mediums desenhadores, com os quaes se divertiam os Espiritos frivolos fazendo-os desenhar cousas as mais rediculas. Um d'elles, querendo eclipsar os desenhos de Jupiter, ao menos pelas dimensões quando não pela qualidade, fez desenhar a um medium um monumento occupando um grande numero de folhas de papel para attingir a altura de dois andares. Muitos outros fizeram pretendidos retratos que eram verdadeiras caricaturas.

Mediums musicos ; os que executam, compõem ou escrevem musica debaixo da influencia dos Espiritos. Ha mediums musicos mecanicos, semi-mecanicos, intuitivos e inspirados como para as communições litterarias.

Continua.

ERRATAS DO N. 4

Pag.	112	—	linha	4	—	muscular	—	lêa-se	:	—	musculo
»	»	—	»	11	—	base dô	—	lê-se	:	—	base da
»	117	—	»	28	—	linguagem para	—	lêa-se	:	—	linguagem elevada para
»	127	—	»	19	—	argumento	—	lêa-se	:	—	argumentos
»	128	—	»	24	—	vão e acabar	—	lêa-se	:	—	vão acabar
»	139	—	»	39	—	<i>typtoes</i>	—	lêa-se	:	—	<i>typtores</i>
»	126	—	»	11	—	escripto	—	lêa-se	:	—	escripta
»	133	—	»	38	—	potras	—	lêa-se	:	—	outras